



Ranking mostra qualidade dos serviços públicos

Mesmo sendo desrespeitados pela gestão da empresa ano após ano, os trabalhadores da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) em todo o país dão exemplo de dedicação e compromisso com a população e pelo segundo ano consecutivo os hospitais federais administrados pela rede Ebserh estão entre as primeiras colocadas no ranking das instituições do executivo federal mais elogiadas do Brasil. Dos dez primeiros no ranking, sete são instituições da rede Ebserh e o HUUFMA ficou em segundo lugar na lista.

O reconhecimento coloca a Ebserh como uma das instituições mais bem conceituadas por seus usuários e pelos seus trabalhadores. Os elogios em sua maioria são referentes a satisfação do usuário com o atendimento prestado nas enfermarias durante as internações dos pacientes.

O ranking é uma iniciativa da Controladoria Geral da Uni-

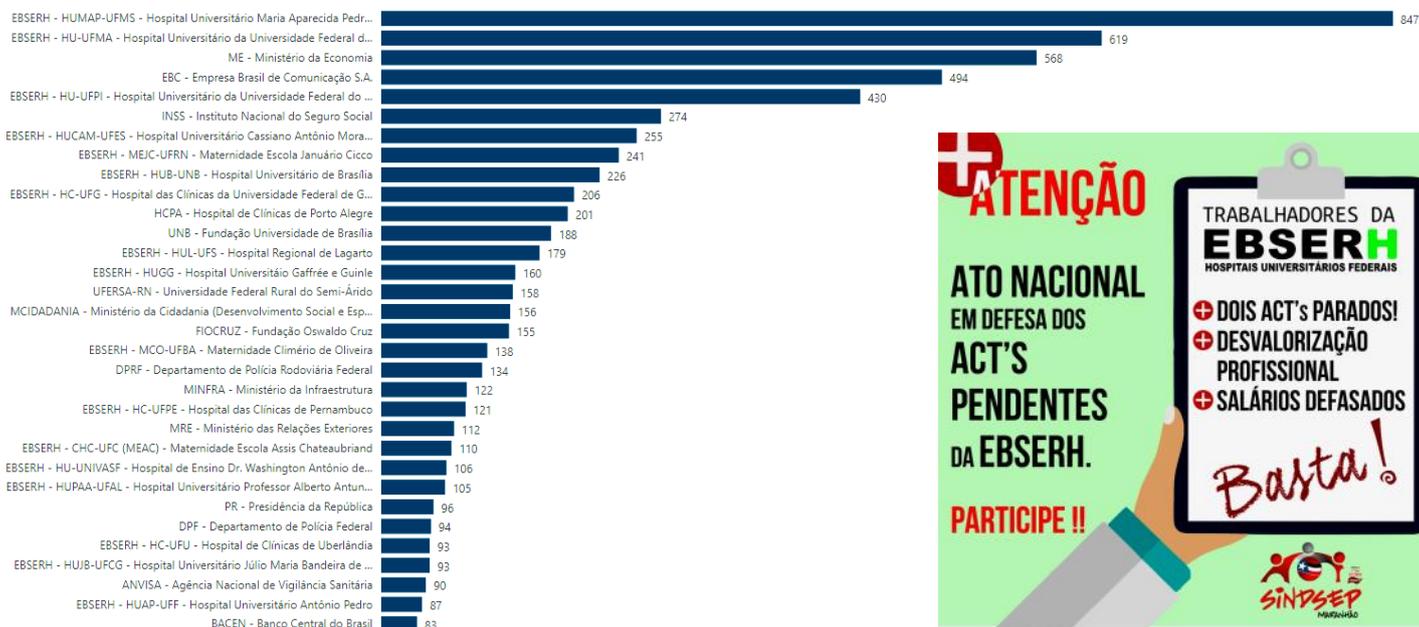
ão (CGU) que usa uma ferramenta que reúne informações (denúncias, sugestões, reclamações, elogios etc) coletadas nas ouvidorias que a Administração Pública recebe diariamente através do sistema e-Ouv. Com isso é possível pesquisar, examinar e comparar os indicadores de forma transparente e rápida.

“Essa pesquisa comprova o que já estamos dizendo há muito tempo; os trabalhadores da Ebserh são muito qualificados e comprometidos, mas infelizmente são desrespeitados pelo governo e muito mal remunerados”, disse Raimundo Pereira, presidente do Sindsep/MA. Mesmo sem ter seu acordo coletivo de trabalho (ACT) aprovado há três anos, e vivendo sob constantes ameaças de retirada de direitos e diminuição de salários, os trabalhadores da Ebserh continuam a desempenhar suas funções com excelência e esmero, o que fica evidenciado no resultado aferido pela CGU.

Infelizmente a direção da empresa usa do mesmo artifício todos os anos para boicotar as negociações do ACT com os empregados; recusa o percentual de reajuste e tenta impor retirada de cláusulas sociais, empurrando o ACT para ser resolvido em dissídio no TST.

“Esse ranking mostra que nós trabalhadores da Ebserh cumprimos nosso papel como executores de política de Estado e não apenas do governante de plantão, sabemos das nossas responsabilidades e as cumprimos buscando sempre a perfeição”, disse Marcos Ferreira (Trovão), diretor do Sindsep/MA e membro da Mesa Nacional de Negociação da Ebserh.

Dia 21 de janeiro acontecerá reunião da mesa de negociação e a Condsef/Fenadsef já protocolou pedido de abertura das negociações do novo Acordo Coletivo de Trabalho da categoria. Na ocasião será tratada ainda a consulta pública sobre a norma de progressão dos trabalhadores.



Preço dos alimentos atinge valor mais alto em 10 anos, diz FAO

A Organização para Agricultura e Alimentação (FAO) das Nações Unidas divulgou estudo neste início de ano em que revela que o preço médio dos alimentos em 2021 foi o maior dos últimos 10 anos. O Índice de Preços de Alimentos da FAO foi 28,1% superior a 2020.

O índice acompanha as mudanças mensais nos preços internacionais de commodities de cinco produtos: cereais (arroz, milho, trigo e outros), óleos vegetais (soja, canola, girassol e outros), produtos lácteos (leite em pó, queijo, manteiga), carnes (bovina, frango, suína, ovina) e açúcar.

“Embora se espere que os preços normalmente altos deem lugar ao aumento da produção, o alto custo dos insumos, a pandemia global em curso e as condições climáticas cada vez mais incertas deixam pouco espaço para otimismo sobre um retorno a condições de mercado mais estáveis, mesmo em 2022”, afirma o economista da FAO Abdolreza Abbassian.

Os cereais tiveram o aumento mais expressivo. Devido



à seca no Brasil, o preço do milho subiu 44,1% em 2021, enquanto o preço do trigo avançou 31,3%. Já os óleos vegetais ficaram até 65,8% mais caros no último ano. O índice que acompanha os preços das carnes teve um aumento de 12,7% em 2021 na comparação com 2020.

O professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho, destaca que as flutuações nos preços dos alimentos são rotineiras e resultado de um modelo agrícola baseado no lucro e no "elevado uso de insumos, comprados dos oligopólios, alta produtividade e monocultivo, com uma economia baseada no lucro que considera alimento como commodity, em português, mercadoria."

"A variação de preços desses produtos segue o 'mercado', que é umbilicalmente vinculado ao modelo agrícola. Embora haja

fatores conjunturais influenciando na variação de preços, como variações climáticas que afetam a produtividade das lavouras ou a variação da demanda de grandes importadores como China e outros países asiáticos, a variação de preços segue, estruturalmente, a especulação financeira e os ganhos dos grandes oligopólios do chamado 'Agronegócio'", diz o pesquisador ao Brasil de Fato.

A pandemia também marcou um agravamento dramático da fome no mundo. De acordo com a ONU, 811 milhões de pessoas passam fome em todo o mundo.

Na América Latina e Caribe, a insegurança alimentar é realidade para 9,1% da população — o índice mais alto dos últimos 15 anos. Somente no Brasil, o maior produtor de alimentos do mundo, 116,8 milhões de pessoas não conseguem realizar três refeições ao dia.

Fonte: CUT

